



MILAN KUNDERA

RISÍVEIS AMORES

Sete histórias de amor extremamente originais.

Do mesmo autor de

A insustentável leveza do ser

N.Cham 885 K96s =690 24. ed.

Autor: Kundera, Milan, 1929-

Título: Risíveis amores .

da Fonseca



10079190

Ac. 936488

BCE

Eduardo e Deus

Podemos começar o relato das aventuras de Eduardo na pequena casa de seu irmão mais velho, no campo. O irmão estava estendido no divã e dizia a Eduardo: — Pode ir procurar sem medo essa mulher. Ela é, sem dúvida, uma ordinária, mas acho que mesmo essas pessoas têm uma consciência. Justamente por ter feito, em outros tempos, uma sujeira comigo, talvez agora fique contente em lhe fazer um favor, para compensar o erro passado.

O irmão de Eduardo era sempre o mesmo: um rapaz simpático e preguiçoso. Sem dúvida estava também estendido no divã, em sua mansarda de estudante, isso há já alguns anos (Eduardo era então um garoto), no dia da morte de Stalin, quando ficara em sua casa vadiando e cochilando; no dia seguinte fora para a faculdade sem desconfiar de nada, e vira uma de suas condiscípulas, a camarada Cechackova, plantada no meio do vestíbulo, numa imobilidade pomposa, semelhante à estátua da dor; deu três voltas em torno da moça e afastou-se rindo às gargalhadas. A moça, ofendida, qualificou esse riso de provocação política, e o irmão de Eduardo teve de abandonar os estudos e ir trabalhar numa pequena ci-

dade onde tinha agora uma casinha, um cachorro, uma mulher, dois filhos e até mesmo um chalé para fins de semana.

No momento, estava estendido no divã, nessa casa no campo, e explicava a Eduardo: — Era chamada de o braço vingador da classe trabalhadora. Mas não se deixe intimidar por isso. Hoje é uma mulher madura, e sempre teve um fraco pelos garotões. Estou certo de que ela vai lhe facilitar as coisas.

Eduardo era muito jovem nesse tempo. Acabara de concluir seus estudos na escola normal (a mesma de onde seu irmão tinha sido expulso) e procurava um emprego. Seguindo o conselho do irmão, foi no dia seguinte bater à porta da sala da diretora. Encontrou uma mulher grande, ossuda, com cabelos negros e oleosos de cigana, olhos negros, e um buço preto sob o nariz. Essa feiúra poupou-lhe o medo que sempre sentia, na juventude, em presença da beleza feminina, de maneira que pôde conversar com ela sem se perturbar, com toda a gentileza e toda a galanteria desejadas. A diretora ficou visivelmente satisfeita com esse tom e afirmou diversas vezes, com fervor perceptível: — Precisamos de gente jovem aqui. — Prometeu que apoiaria a candidatura de Eduardo.

2

Foi assim que Eduardo se tornou professor numa pequena cidade da Boêmia. Não ficou nem satisfeito nem aborrecido com isso. Procurava sempre fazer distinção entre o sério e o não-sério, e enquadrava sua carreira de professor na categoria do *não-sério*. Não que a profissão de professor em si mesma fosse desprovida de importância (aliás, levando em conta o fato de que precisava ganhar a vida, ele a valorizava muito, pois não poderia ganhar a vida de outra maneira), mas a considerava fútil em relação à essência de sua pessoa. Não a escolhera. Essa profissão lhe fora imposta pela pressão social,

as avaliações dos dirigentes em seu histórico, os atestados do liceu, os resultados do concurso de admissão. Pela ação con- jugada dessas forças, ele fora enviado do liceu à escola nor- mal (assim como um guindaste larga um saco em cima de um caminhão). Inscrevera-se nela a contragosto (a expulsão do irmão era de mau augúrio), mas afinal se resignara. Com- prendia no entanto que sua profissão fazia parte dos acasos de sua vida. Que iria colar-se à sua pele como um bigode pos- tiço que se presta ao riso.

Mas, se uma coisa *obrigatória* é uma coisa não-séria (que se presta ao riso), o sério é sem dúvida aquilo que é *facultati- vo*: em sua nova cidade, Eduardo logo encontrou uma moça que achou bonita, e começou a se dedicar a ela com uma se- riedade quase sincera. Chamava-se Alice e, como pôde per- ceber com grande tristeza a partir dos primeiros encontros, era extremamente virtuosa e reservada.

Fez várias tentativas, durante seus passeios à tarde, para abraçar seus ombros de maneira que roçasse por trás a ponta de seu seio direito e, a cada vez, ela agarrava-lhe a mão, afastando-a. Uma noite em que ele repetia mais uma vez essa tentativa, tendo sua mão mais uma vez afastada, ela parou e disse: — Você acredita em Deus?

Os ouvidos sensíveis de Eduardo perceberam nessa pergun- ta uma discreta insistência, e logo esqueceu o seio.

— Acredita? — Alice repetiu a pergunta, e Eduardo não encontrou nada para responder. Não o censuremos por não ter a coragem da franqueza. Sentia-se abandonado demais nessa cidade em que era um recém-chegado, e Alice lhe agradava demais para que se arriscasse a perder sua simpatia com uma única e simples resposta.

— E você? — perguntou para ganhar tempo.

— Eu acredito — disse Alice e insistiu mais uma vez para que ele respondesse.

Até o momento, nunca lhe ocorrera a idéia de acreditar em Deus, mas sabia que não devia confessar isso; muito pelo contrário, devia aproveitar a ocasião e fazer de sua fé um be-

lo cavalo de madeira em cujo ventre pudesse esconder-se, de acordo com o exemplo antigo, para se introduzir em seguida, discretamente, no coração da moça. Só que Eduardo era incapaz de dizer simplesmente a Alice: — Sim, acredito em Deus. — Não tinha nada de cínico e sentia vergonha de mentir; a simplicidade brutal da mentira lhe repugnava; se a mentira era indispensável, pelo menos queria que ela tivesse a maior semelhança possível com a verdade. Então, respondeu com uma voz que traía um grande esforço de reflexão:

— Não sei bem como devo responder a essa pergunta, Alice. Claro que acredito em Deus, mas... — Fez uma pausa e Alice levantou para ele uns olhos surpresos. — Mas quero ser inteiramente franco com você. Será que posso ser inteiramente franco com você?

— Pode e deve — respondeu Alice. — Sem isso não há razão para estarmos juntos.

— Verdade?

— Verdade — disse Alice.

— Às vezes tenho dúvidas — disse Eduardo com voz sufocada. — Às vezes me pergunto se Ele realmente existe.

— Mas como você pode duvidar? — perguntou Alice, quase gritando.

Eduardo calou-se e depois de um instante de reflexão pensou no argumento clássico: — Quando vejo tanta infelicidade à minha volta, muitas vezes me pergunto se é possível existir um Deus que permita tudo isso.

Disse isso com uma voz tão compungida que Alice lhe segurou a mão: — Sim, é verdade, há muita infelicidade aqui embaixo. Sei disso muito bem. Mas é justamente por isso que é preciso acreditar em Deus. Sem ele, todo esse sofrimento seria em vão. Nada teria sentido. E eu não poderia mais viver.

— Talvez você tenha razão — disse Eduardo com ar sonhador, e acompanhou-a à igreja no domingo seguinte. Umedeceu os dedos na pia de água benta e fez o sinal-da-cruz. Em seguida a missa começou, as pessoas cantaram, e ele cantou com os outros um cântico religioso do qual conhe-

cia vagamente a melodia e ignorava a letra. Decidiu então substituir as palavras por diversas vogais, e atacava cada nota com uma fração de segundo de atraso, pois não conhecia tão bem assim a melodia. Mas, quando verificou que cantava certo, abandonou-se ao prazer de fazer ressoar sua voz, pois, pela primeira vez na vida, acabava de perceber que tinha uma bela voz de baixo. Depois disso, rezou-se o Padre-Nosso, e algumas velhas senhoras se ajoelharam. Ele não pôde resistir à tentação e, por sua vez, ajoelhou-se no chão. Fez o sinal-da-cruz com gestos exagerados e, fazendo-o, sentiu uma sensação maravilhosa ao pensar que podia fazer uma coisa que nunca tinha feito na vida, que não podia fazer nem em sala de aula, nem na rua, nem em lugar algum. Sentiu-se maravilhosamente livre.

Quando tudo terminou, Alice olhou-o com olhos ardentes e: — Você pode ainda dizer que duvida que Ele exista? — perguntou.

— Não — respondeu Eduardo.

E Alice falou: — Gostaria de ensinar-lhe a amá-lo como eu O amo.

Os dois estavam parados nos largos degraus do átrio, e a alma de Eduardo estava cheia de felicidade. Infelizmente para ele, nesse exato momento a diretora passava nas proximidades e avistou-os.

3

Ele estava em maus lençóis. Devemos, na verdade, lembrar (para aqueles que por acaso desconheçam o pano de fundo histórico dessa história) que nessa época não era proibido frequentar igrejas, mas de qualquer forma não deixava de haver certo perigo em fazê-lo.

Isso não é tão difícil de compreender. Aqueles que lutaram pelo que chamam de revolução têm grande orgulho: *o orgulho de estarem do lado bom da linha de frente*. Dez ou doze anos depois (é aproximadamente nesse período que se situa nosso relato), a linha de frente começa a desaparecer, e com ela o seu lado bom e o seu lado mau. Não é, portanto, de surpreender que os antigos partidários da revolução se sintam frustrados e procurem com impaciência frentes de *substituição*. Graças à religião, eles podem (em seu papel de ateus lutando contra os crentes) levantar-se de novo em toda a sua glória, sempre do lado bom da barricada, e guardar intata a ênfase habitual e preciosa de sua altiva superioridade.

Mas, para falar a verdade, essa frente de substituição era também uma sorte para os outros, dos quais Alice — não é cedo para revelá-lo — fazia parte. Da mesma forma que a diretora queria estar do lado *bom*, Alice queria estar do lado *oposto*. A loja de seu pai tinha sido nacionalizada durante os chamados dias revolucionários, e Alice detestava aqueles que lhe tinham feito esse mal. Mas como poderia ela manifestar seu ódio? Deveria pegar uma faca e vingar seu pai? Não se fazia esse tipo de coisa na Boêmia. Alice tinha um meio melhor de manifestar sua oposição: começou a acreditar em Deus.

É assim que Deus vinha em socorro das duas facções (que sem isso quase não teriam razões válidas para tomar partido), e, graças a Ele, Eduardo foi apanhado num fogo cruzado.

Na segunda-feira de manhã, quando a diretora veio vê-lo na sala dos professores, Eduardo se sentia muito constrangido. Na verdade, não podia invocar o clima amistoso de seu primeiro encontro, pois desde aquele dia (por ingenuidade ou negligência) nunca mais retomara o fio de sua conversa galante. A diretora pôde então lhe perguntar com um sorriso ostensivamente frio:

— Nós nos vimos ontem, não foi?

— Sim, nós nos vimos — disse Eduardo.

— Não compreendo como um rapaz como você pode ir à Igreja — prosseguiu a diretora. Eduardo levantou os ombros com ar desconcertado, e a diretora balançou a cabeça: — Um homem jovem.

— Fui conhecer o interior barroco da catedral — disse ele para se desculpar.

— Ah, é isso? — disse ironicamente a diretora. — Não sabia que você se interessava por arquitetura.

Essa conversa não agradou nem um pouco a Eduardo. Lembrou-se de que seu irmão tinha dado três voltas em torno da colega e depois se afastara às gargalhadas. As desventuras familiares pareciam se repetir, e ele teve medo. No sábado telefonou a Alice para se desculpar e disse-lhe que não iria à igreja porque estava resfriado.

— Você é bem manhoso — disse Alice num tom de censura quando eles se viram de novo na semana seguinte, e Eduardo teve a impressão de que faltava sensibilidade às palavras da moça. Começou então a falar (por enigmas e de modo vago, pois tinha vergonha de confessar seu medo e seus verdadeiros motivos) das misérias a que o submetiam na escola e da terrível diretora que o perseguia sem razão. Queria despertar nela a piedade e a compaixão, mas Alice lhe disse:

— Pois, comigo, minha chefe é ótima! — E começou a contar, às gargalhadas, histórias de seu trabalho. Eduardo escutava sua alegre tagarelice e ia ficando cada vez mais triste.

4

Senhoras e senhores, foram semanas de sofrimento! Eduardo sentia um desejo infernal por Alice. Seu corpo o excitava e esse corpo era absolutamente inacessível. Igualmente lúgubre era o cenário no qual aconteciam seus encontros: os dois vagavam uma hora ou duas pelas ruas escuras ou então

iam ao cinema; a banalidade e as insignificantes possibilidades eróticas dessas duas variantes (não existiam outras) incitavam Eduardo a pensar que talvez obtivesse sucessos mais marcantes junto a Alice se pudesse encontrá-la em outro ambiente. Propôs então, com ar cândido, que ela fosse passar com ele um fim de semana no campo, na casa de seu irmão, que tinha um chalé à beira de um rio, num vale arborizado. Pintou-lhe com entusiasmo os encantos inocentes da natureza, mas Alice (sempre ingênua e confiante em outros terrenos) compreendeu aonde ele queria chegar e recusou brutalmente. Ora, não era somente Alice que lhe resistia. Era, em pessoa (eternamente circunspecto e vigilante), o Deus de Alice.

Esse Deus tirava toda a sua substância de uma única idéia (não tinha outros desejos, outros pensamentos): a proibição de relações sexuais fora do casamento. Portanto, era sobretudo um Deus cômico, mas não caçoemos de Alice por isso. Dos dez mandamentos que Moisés transmitiu à humanidade, havia pelo menos nove com os quais sua alma não corria o menor perigo, pois Alice não tinha vontade nem de matar, nem de desonrar o pai, nem de desejar os maridos do próximo; apenas um mandamento lhe parecia mais difícil de cumprir e constituía conseqüentemente um verdadeiro desafio; era o sexto mandamento: *Não pecar contra a castidade*. Para efetivar, demonstrar e manifestar sua fé religiosa, era justamente para esse mandamento, e apenas para ele, que devia dirigir toda a sua atenção. Fora assim que, de um Deus vago, difuso e abstrato, ela havia feito um Deus perfeitamente determinado, acessível e concreto: *Deus Antifornicador*.

Mas pergunto a vocês onde começa exatamente a fornicção. Cada mulher estabelece esse limite segundo critérios absolutamente misteriosos. Alice se deixava facilmente beijar por Eduardo e depois de inúmeras tentativas por parte dele acabou consentindo que Eduardo acariciasse seus seios, mas, no meio do corpo, traçava um linha de demarcação rigorosa e absolutamente intransponível, abaixo da qual se es-

tendia o território das santas interdições, o território da desobediência a Moisés e da cólera divina.

Eduardo começou a ler a Bíblia e a estudar os fundamentos da teologia; decidira enfrentar Alice com suas próprias armas.

— Minha querida Alice — disse-lhe depois —, nada é proibido a quem ama a Deus. Quando desejamos uma coisa, nós a desejamos por sua graça. Cristo só desejava uma coisa: que fôssemos guiados pelo amor.

— Sem dúvida — disse Alice —, mas não pelo amor que você imagina.

— Só existe um amor — disse Eduardo.

— Para você, isso resolve tudo, hem? — disse Alice. — Só que Deus estabeleceu certos mandamentos e nós devemos nos submeter a eles.

— Sim, o Deus do Antigo Testamento — disse Eduardo. — Mas não o Deus dos cristãos.

— Como? Só existe um Deus — replicou Alice.

— Sim — disse Eduardo —, só que os judeus do Antigo Testamento não o concebiam exatamente como nós. Antes da vinda de Cristo, o homem devia acima de tudo se sujeitar a um sistema determinado de leis e mandamentos divinos. Aquilo que se passava em sua alma não contava tanto. Mas Cristo considerou todas essas interdições e todas essas injunções como algo superficial. O que havia de mais importante, a seus olhos, era o homem tal qual ele é no fundo do seu ser. A partir do momento em que o homem segue o impulso de seu ser fervoroso e crente, tudo o que ele faz é bom e agrada a Deus. É por isso que São Paulo dizia: tudo é puro para os puros.

— Com a condição de que se seja puro — disse Alice.

— E Santo Agostinho dizia — continuou Eduardo: — Ame a Deus e faça o que quiser. Compreende, Alice? Ame a Deus e faça o que quiser.

— Só que o que você quer não é aquilo que eu quero — respondeu Alice, e Eduardo compreendeu que dessa vez sua

ofensiva teológica tinha fracassado completamente; por isso disse:

— Você não me ama.

— Amo — replicou Alice com terrível laconismo. — É por essa razão que não quero que façamos uma coisa que não devemos fazer.

Como já disse, foram semanas de sofrimento. E o sofrimento era ainda mais vivo porque o desejo que Eduardo sentia por Alice não era apenas o desejo de um corpo por outro corpo; ao contrário, ele estava ainda mais triste e infeliz por desejar muito mais o coração da moça, do qual seu corpo o afastava. Mas o corpo e o coração de Alice eram igualmente intratáveis; ambos eram igualmente frios, igualmente fechados sobre si mesmos e satisfeitos com a própria autonomia.

O que mais irritava Eduardo em Alice era seu imperturbável comedimento. Embora ele mesmo fosse um jovem mais inclinado à ponderação, pôs-se a sonhar com uma ação extrema que fizesse Alice sair dessa reserva. E como era arriscado demais provocá-la por excessos de blasfêmia e cinismo (aos quais sua natureza o compelia) teve de escolher excessos opostos (portanto, muito mais difíceis), que decorriam da atitude de Alice, mas que levariam essa atitude a tais extremos que ela teria vergonha de sua própria reserva. Em outras palavras: Eduardo exibia uma devoção exagerada. Não perdia uma ocasião de ir à igreja (o desejo que sentia por Alice era mais forte do que o medo de ter aborrecimentos), comportando-se ali com insólita humildade. Ajoelhava-se sob o menor pretexto, enquanto Alice fazia suas orações e o sinal-da-cruz de pé a seu lado, pois tinha medo de puxar os fios das meias.

Um dia censurou-lhe a frieza de sua fé. Lembrou-lhe as palavras de Cristo: “Nem todos que me chamam Senhor entrarão no reino dos céus.” Disse-lhe que sua fé era formal, exterior, frágil. Censurou-lhe a vida confortável. Acusou-a de estar muito contente consigo mesma. Censurou-a por não ver nada em torno, a não ser sua própria pessoa.

Enquanto falava (Alice não esperava esse ataque e se defendia sem convicção), avistou um crucifixo, uma velha cruz de bronze com um Cristo de ferro branco enferrujado, que se erguia no meio da rua. Soltou rapidamente seu braço do braço de Alice, deteve-se (para protestar contra a indiferença da moça e marcar o começo de sua nova ofensiva) e fez o sinal-da-cruz com agressiva ostentação. Mas não pôde ver o efeito que esse gesto produzia em Alice, pois, justamente nesse momento, enxergou a zeladora da escola na outra calçada. Ela o olhava. Eduardo compreendeu que estava perdido.

5

Seus receios se confirmaram dois dias depois, quando a zeladora o deteve no corredor e lhe anunciou em voz alta e clara que ele deveria apresentar-se no dia seguinte, ao meio-dia, na sala da diretora: — Precisamos falar com você, camarada.

Eduardo ficou preocupado. À noite, como de costume, foi encontrar-se com Alice, para passear com ela pelas ruas, mas renunciara a seu fervor religioso. Estava abatido e queria contar a Alice o que lhe estava acontecendo, mas não teve coragem, pois sabia que, para conservar seu detestável mas indispensável emprego, estava disposto a trair a Deus sem a menor hesitação, no dia seguinte. Portanto, não disse uma palavra sobre sua funesta convocação, e não pôde encontrar alívio. No dia seguinte, ao entrar na sala da diretora, sentiu-se abandonado por todos.

Quatro juízes o esperavam: a diretora, a zeladora, um colega de Eduardo (pequeno e de óculos) e um senhor (grisalho) que ele não conhecia e que os outros chamavam de camarada inspetor. A diretora convidou Eduardo a sentar-se e disse-lhe em seguida que o tinham convocado para uma con-

versa inteiramente amigável e oficiosa, pois todos os camaradas estavam muito preocupados com a maneira pela qual Eduardo se comportava fora da escola. Dizendo isso, olhava para o inspetor e o inspetor balançava a cabeça em sinal de aprovação; em seguida dirigia o olhar ao professor de óculos, que não deixara de olhá-la atentamente durante todo esse tempo e que, assim que ela pousou o olhar sobre ele, começou um longo discurso. Disse que queríamos educar uma juventude sadia e isenta de preconceitos e que éramos inteiramente responsáveis por essa juventude, porque nós (os professores) lhes servíamos de exemplo; por isso não podíamos tolerar entre nós a presença de carolas; desenvolveu longamente essa idéia e terminou por declarar que a atitude de Eduardo era um escândalo para todo o estabelecimento.

Alguns minutos antes, Eduardo estava convencido de que renegaria seu Deus recém-descoberto e confessaria que, se se decidira a ir à igreja e a fazer publicamente o sinal-da-cruz, isso, na realidade, não passava de uma comédia. Mas agora que via a situação de frente sentia que era impossível confessar a verdade; não podia dizer a essas quatro pessoas tão sérias e exaltadas que elas se exaltavam por um mal-entendido, por uma bobagem. Compreendeu que, ao dizer-lhes isso, iria, contra a sua própria vontade, ridicularizar a seriedade deles, e compreendeu também que essas pessoas esperavam de sua parte apenas uma coisa: subterfúgios e desculpas, que estavam prontos para repelir. E compreendeu de relance, pois não tinha tempo de refletir, que o mais importante para ele, nesse momento, era permanecer próximo da verdade, ou, mais exatamente, próximo da idéia que essas pessoas tinham feito dele. Se quisesse, em certa medida, retificar essa idéia, também deveria, em certa medida, aceitá-la.

— Camaradas, posso falar com franqueza? — perguntou.

— Evidentemente — disse a diretora. — É para isso que está aqui.

— E vocês não vão ficar com raiva de mim?

— Diga o que tem a dizer — replicou a diretora.

— Muito bem, vou confessar tudo — disse Eduardo. —
Creio realmente em Deus.

Levantou os olhos para os juizes e pôde constatar que pareciam todos aliviados; só a zeladora lhe gritou: — Nos dias de hoje, camarada? Na época atual?

Eduardo continuou: — Sabia que vocês iriam se aborrecer se eu contasse a verdade. Mas não sei mentir. Não me peçam para contar mentiras.

A diretora disse-lhe (calmamente): — Ninguém está lhe pedindo que minta. Você está certo em dizer a verdade. Mas eu queria é que me explicasse como pode acreditar em Deus, um jovem como você!

— Nos dias de hoje, quando mandamos foguetes para a Lua! — reforçou o professor, exaltado.

— Não posso fazer nada — disse Eduardo. — Não quero acreditar em Deus. De verdade. Não quero acreditar.

— Como não quer, se você acredita! — interveio o senhor de cabelos grisalhos (em tom excessivamente amável).

Eduardo repetiu a confissão com suavidade: — Não quero acreditar, e acredito.

O professor de óculos riu: — Mas existe uma contradição nisso!

— Camaradas, conto-lhes as coisas como são — disse Eduardo. — Sei perfeitamente que a fé em Deus nos afasta da realidade. Que seria do socialismo se todo mundo acreditasse que o universo está sob o poder de Deus? Ninguém faria nada, e todos se voltariam para Deus.

— Muito certo — aprovou a diretora.

— Ninguém jamais demonstrou a existência de Deus — declarou o professor de óculos.

Eduardo continuou: — A diferença entre a história da humanidade e a sua pré-história é que o homem tomou nas mãos o próprio destino e não tem mais necessidade de Deus.

— A fé em Deus conduz ao fatalismo — disse a diretora.

— A fé em Deus é um vestígio da Idade Média — disse Eduardo.

Em seguida a diretora disse ainda alguma coisa, depois o professor, depois Eduardo, depois o inspetor, e todas essas reflexões se completavam harmoniosamente, de maneira que, no fim, o professor de óculos não se conteve e tomou a palavra:

— Então por que você faz o sinal-da-cruz na rua, já que sabe tudo isso?

Eduardo pousou sobre ele um olhar infinitamente triste e: -- Porque acredito em Deus — disse.

— Mas há nisso uma contradição — repetiu com regozijo o professor de óculos.

— Sim — disse Eduardo —, existe uma contradição entre o conhecimento e a fé. Reconheço que a fé em Deus conduz ao obscurantismo. Reconheço que seria melhor que Deus não existisse. Mas que posso fazer quando aqui, bem dentro de mim (dizendo isso, apontava o coração com o dedo), sinto que Ele existe? Por favor, camaradas, compreendam-me! Digo-lhes as coisas como são. É melhor que eu diga a verdade, não quero ser um hipócrita. Quero que vocês me conheçam tal como realmente sou. — E baixou a cabeça.

O professor tinha a vista curta. Não sabia que mesmo o revolucionário mais rigoroso acredita que a violência é apenas um mal necessário, enquanto o *bem* da revolução é a reeducação. Ele mesmo, que se convertera ao credo revolucionário de um dia para o outro, não inspirava absolutamente nenhum respeito à diretora, e não duvidava que, nesse instante, Eduardo, que acabara de se colocar à disposição de seus juizes, como um objeto de reeducação difícil mas maleável, era mil vezes mais interessante que ele. E, por não duvidar disso, entregava-se agora a um ataque brutal a Eduardo, declarando que homens como ele, que eram incapazes de renunciar a uma fé medieval, eram homens da Idade Média, que não tinham lugar na nova escola.

A diretora deixou que ele terminasse e chamou-o à ordem: — Não gosto que se façam rolar cabeças. O camarada foi sincero e nos disse a verdade. É uma coisa que devemos levar em conta. — Em seguida, virando-se para Eduardo: — Os camaradas têm evidentemente razão em dizer que um carola não pode educar nossa juventude. Então, diga você mesmo o que propõe.

-- Não sei, camaradas — disse Eduardo com ar infeliz.

-- Eis o que penso — disse o inspetor. — A luta entre o velho e o novo tem lugar não somente entre as classes, mas em cada indivíduo. É a esse combate que assistimos no camarada. Ele sabe, mas sua sensibilidade o leva para trás. Devemos ajudá-lo para que a razão prevaleça.

A diretora concordou. Em seguida: — Muito bem — disse. -- Vou me ocupar dele pessoalmente.

6

Eduardo conseguira, assim, afastar o perigo imediato; o futuro de sua carreira de professor estava exclusivamente nas mãos da diretora, o que ele percebia, afinal de contas, com satisfação. Na verdade lembrava-se da observação do irmão, que lhe havia afirmado que a diretora sempre tivera um fraco por rapazes, e decidiu, com toda a instabilidade de sua segurança juvenil (exagerada num dia, no outro minada pela dúvida), sair vencedor da prova, conquistando, como homem, o favor de sua soberana.

Quando se dirigiu, alguns dias mais tarde, como fora combinado, à sala da diretora, tentou usar um tom desenvolto e aproveitou todas as oportunidades para introduzir na conversa uma observação mais íntima ou um elogio delicado, ou para sublinhar com discreta ambigüidade o caráter inusitado de sua situação, que era a de um homem à mercê de uma

mulher. Mas não lhe foi permitido escolher o tom da conversa. A diretora falava de modo gentil, mas com extrema reserva; perguntou-lhe o que lia, indicou-lhe títulos de vários livros e recomendou-lhe que os lesse, pois queria inequivocamente realizar um trabalho de longo alcance sobre seu espírito. Por fim, convidou-o a ir à sua casa.

Essa reserva fora provocada pela segurança de Eduardo, e ele entrou no apartamento da diretora de cabeça baixa, sem a menor intenção de impor seu encanto masculino. Ela o fez sentar numa poltrona e iniciou a conversa em tom muito amistoso; perguntou-lhe o que queria: café, talvez? Ele disse que não. Então uma bebida alcoólica? Ele se sentiu constrangido. — Se você tiver conhaque... — Desconfiou imediatamente que dissera uma inconveniência. Mas a diretora respondeu amavelmente: — Não, não tenho conhaque; tudo o que tenho é um pouco de vinho... — E trouxe uma garrafa pela metade, cujo conteúdo foi apenas suficiente para encher dois copos.

Depois disse que Eduardo não devia considerá-la um inquisidor. Todo mundo, é claro, tinha o direito de ter as convicções que julgasse certas; mas podia-se evidentemente avaliar (acrescentou logo) se uma determinada pessoa tinha ou não condições de ocupar um lugar no magistério; foi por isso que eles se viram na obrigação de convocar Eduardo (embora a contragosto) e de conversar com ele, e estavam muito satisfeitos (ela e o inspetor, pelo menos) por ele ter falado a verdade sem tentar negar nada. Depois ela falara longamente sobre Eduardo com o inspetor, e eles haviam decidido convocá-lo dentro de seis meses para uma nova entrevista; até lá, a diretora deveria, com sua influência, facilitar-lhe a evolução. E frisou uma vez mais que a ajuda que lhe queria dar não poderia ser outra coisa senão uma *ajuda amiga*, que ela não era nem um inquisidor, nem um policial. Em seguida falou do professor que atacara Eduardo com tanta violência, e disse: — Ele também tem problemas, e adora pôr os outros em apuros. A zeladora também anda espalhando por aí que você

foi insolente e que teimou em manter suas posições. Ela acha que deveríamos despedi-lo da escola, e não há meios de fazê-la mudar de opinião. Evidentemente, não estou de acordo com ela, mas, por outro lado, é preciso compreendê-la. A mim também não agradaria muito confiar meus filhos a um professor que faz o sinal-da-cruz na rua, publicamente.

Foi assim que a diretora expôs a Eduardo, num fluxo contínuo de frases, ora as sedutoras possibilidades de sua clemência, ora as ameaçadoras possibilidades de seu rigor, e em seguida, para mostrar que aquele encontro era de fato um encontro amistoso, passou a outros assuntos. Falou de livros, levou Eduardo até a biblioteca, dissertou longamente sobre *L'âme enchantée*, de Romain Rolland, e ficou irritada porque ele não o lera. Em seguida perguntou-lhe se gostava da escola e, depois de uma resposta convencional, pôs-se a falar com loquacidade: disse que era grata ao destino por sua profissão, que gostava de seu trabalho na escola, porque educando crianças mantinha com o futuro contatos concretos e permanentes, e que afinal só o futuro podia justificar todo o sofrimento que existia. ("Sim", disse ela, "é preciso reconhecer que existe") em abundância em torno de nós. — Se eu não pensasse que vivo para alguma coisa maior do que minha própria vida, sem dúvida seria incapaz de viver.

Ao dizer essas palavras, pareceu de repente muito sincera, e Eduardo não compreendeu muito bem se ela queria fazer uma confissão ou inaugurar uma polêmica ideológica sobre o sentido da vida; mas preferiu ver nessas palavras uma alusão pessoal e perguntou com voz abafada e discreta:

- E a sua vida, em si mesma?
- Minha vida? — repetiu a diretora.
- É, a sua vida. Ela não poderia satisfazê-la?

Um sorriso amargo desenhou-se no rosto da diretora, e Eduardo quase teve piedade dela. Era de uma feiúra comovente; os cabelos negros enquadravam um rosto ossudo e comprido, e os pêlos negros sob o nariz formavam o relevo de um bigode. Compreendeu imediatamente toda a tristeza de

sua vida; viu os traços ciganos que revelavam uma sensualidade ávida, e viu ao mesmo tempo a sua feiúra, que revelava a impossibilidade de saciar essa avidez; ele a imaginava metamorfoseando-se com paixão na estátua viva da dor no dia da morte de Stalin, assistindo com paixão a milhares de reuniões, lutando com paixão contra o pobre Jesus, e compreendeu que tudo isso era apenas um triste escoadouro para seu desejo, que não podia escoar de outra maneira. Eduardo era jovem e sua faculdade de compaixão ainda não se esgotara. Olhou a diretora com compreensão. Mas, como se tivesse vergonha de seu silêncio involuntário, ela disse com voz que se pretendia alegre:

— De qualquer maneira, o problema não é esse, Eduardo. Não se vive só para si. Vive-se sempre para alguma coisa. — Olhou-o mais profundamente nos olhos. — Mas trata-se de saber para quê. Se é para alguma coisa de real ou para alguma coisa de fictício. Deus é uma bela ficção. Mas o futuro do homem, Eduardo é uma realidade. E foi para essa realidade que vivi, que sacrifiquei tudo.

Também essas frases eram pronunciadas com tal convicção que Eduardo não parava de sentir aquele inesperado sentimento de compaixão que despertara nele momentos antes; pareceu-lhe estúpido mentir tão descaradamente a seu próximo, e achou que o tom mais íntimo que tomava a conversa oferecia-lhe finalmente a ocasião de renunciar à sua indigna (e difícil) mentira.

— Estou inteiramente de acordo com você — apressou-se em afirmar. — Eu também dou mais importância à realidade. Sabe, não se deve levar muito a sério a minha devoção!

Mas percebeu logo que não podemos nos deixar levar por uma brusca mudança de sensibilidade. A diretora olhou-o com ar surpreso e disse com evidente frieza: — Deixe de fingimento. O que me agradou em você foi sua franqueza. Nesse momento, você está tentando se fazer passar pelo que não é.

Não, não era permitido a Eduardo ver-se livre do disfarce religioso que um dia vestira; resignou-se imediatamente e esforçou-se para apagar a má impressão que acabara de produzir. — Não, eu não queria me contradizer. É claro que acredito em Deus, nunca poderia negá-lo. Queria apenas dizer que também acredito no futuro da humanidade, no progresso, em tudo isso. Se não acreditasse, para que serviria todo o meu trabalho de professor? Para que serviria que nascessem crianças? Para que serviria toda a nossa vida? Acabo de pensar que é também vontade de Deus que a sociedade melhore continuamente. Que é possível acreditar ao mesmo tempo em Deus e no comunismo, que as duas coisas são conciliáveis.

— Não — disse a diretora com autoridade maternal. — As duas coisas são inconciliáveis.

— Eu sei — disse Eduardo com tristeza. — Não fique zangada comigo.

— Não estou zangada com você. Você ainda é jovem e se agarra obstinadamente às suas convicções. Ninguém pode compreendê-lo tão bem quanto eu. Sei o que é a juventude. E é justamente a juventude que aprecio em você. Eu o acho simpático.

Enfim acontecera. Nem mais cedo nem mais tarde, mas justamente agora, exatamente no momento certo. (No momento certo que não foi escolhido por Eduardo, e do qual Eduardo, como se vê, não foi senão o pretexto que permitiu que ele acontecesse.) Quando a diretora disse que o achava simpático, respondeu com uma voz mais para neutra:

— Também a acho simpática.

— De verdade?

— De verdade.

— Ora! Uma velha como eu — replicou a diretora. Eduardo só pôde responder: — Isso não é verdade.

— É, sim — disse a diretora.

Mais uma vez Eduardo só pôde responder, muito rapidamente: — Você não é nem um pouco velha. É bobagem dizer isso.

— Você acha?

— E além do mais, você me agrada muito.

— Não minta. Você sabe que não deve mentir.

— Não estou mentindo. Você é bonita.

— Bonita? — disse a diretora com um muxoxo incrédulo.

— Sim, bonita — repetiu Eduardo. E como temesse a flagrante mentira dessa afirmação, apressou-se em apoiá-la com argumentos: — As morenas como você me agradam.

— Você gosta de morenas? — perguntou a diretora.

— Loucamente — disse Eduardo.

— E como é que nunca veio me ver desde que chegou na escola? Tinha a impressão que você me evitava.

— Eu tinha receio. Todo mundo ia dizer que eu a estava bajulando. Ninguém ia acreditar que ia vê-la simplesmente porque você me agradava.

— Você não tem mais o que temer — disse a diretora. — Agora está *decretado* que devemos nos ver de vez em quando.

Ela o olhou nos olhos com suas grandes íris castanhas (reconheçamos que não eram destituídas de beleza), e, quando ele se despediu, acariciou-lhe ligeiramente a mão, de modo que o estabanado partiu com uma estimulante sensação de vitória.

7

Eduardo estava convencido de que levara vantagem nesse caso penoso, e no domingo seguinte foi à igreja em companhia de Alice com insolente desenvoltura; mais ainda, tinha recuperado toda a sua segurança, pois (mesmo que essa idéia só desperte em nós um sorriso de compaixão) o episódio de

sua visita à diretora fornecia-lhe, em retrospectiva, uma prova evidente de seu encanto viril.

Aliás, nesse domingo, ao chegar à igreja notou que Alice mudara: assim que se encontraram, ela tomou-lhe o braço e não o largou mais, mesmo na igreja; em geral, mostrava-se discreta e reservada, mas nesse dia virava-se para todos os lados, e acenou, sorridente, com a cabeça, para uma dezena de amigos e conhecidos.

Era estranho e Eduardo não entendeu nada.

Dois dias depois, quando passeavam pelas ruas escuras, Eduardo percebeu com estupor que os beijos de Alice, normalmente tão frios e sem vida, estavam de repente mais úmidos, mais quentes, mais ardentes. Quando pararam junto a um poste de luz, distinguiu dois olhos amorosos que o olhavam.

— Eu amo você, se quer saber — disse Alice à queimadura. E logo tapou-lhe a boca: — Não, não diga nada. Estou envergonhada. Não quero ouvir nada.

Deram mais alguns passos, depois pararam e Alice disse: — Agora compreendo tudo; compreendo por que você censurava a minha falta de devoção.

Mas Eduardo não compreendia nada e preferiu calar-se; deram mais alguns passos e Alice continuou: — E você não me disse nada. Por que não disse nada?

— E o que queria que eu dissesse? — perguntou Eduardo.

— É bem você — disse ela com tranqüilo entusiasmo. — Se fosse outro, contaria vantagens, mas você, não, você se cala. É justamente por isso que eu o amo.

Eduardo começava a compreender de que se tratava, mas:

— De que você está falando? — perguntou.

— Do que aconteceu com você.

— E como é que você soube disso?

— Ora, todo mundo sabe! Eles o chamaram, o ameaçaram, e você zombou deles. Não negou nada. Está todo mundo admirando você.

— Mas eu não disse nada a ninguém.

— Não seja ingênuo. Essas coisas se espalham. Afinal de contas, não foi coisa de pouca importância. Você acha que hoje em dia ainda existe alguém que tenha um pouco de coragem?

Eduardo sabia que numa cidade pequena o menor acontecimento se transforma rapidamente em lenda, mas não podia imaginar que suas ridículas aventuras, às quais nunca dera demasiada importância, pudessem fazer brotar um mito; não compreendia muito bem até que ponto ele interessava a seus concidadãos, que, como todos sabem, adoram os mártires, pois estes confirmam e demonstram, em sua doce inatividade, que a vida oferece apenas uma alternativa: obedecer ou entregar-se ao carrasco. Ninguém duvidava que Eduardo seria entregue ao carrasco e todo mundo divulgava a notícia com admiração e satisfação, de maneira que Eduardo se encontrava agora, por intermédio de Alice, diante da esplêndida imagem de sua própria crucificação. Reagiu com sangue-frio e disse: — Claro, não neguei nada. Mas não há nada de extraordinário nisso. Qualquer pessoa teria feito o mesmo.

— Qualquer pessoa? — exclamou Alice. — Olhe em torno e veja como as pessoas se comportam! São covardes! Renegariam a própria mãe!

Eduardo se calou, e Alice também. Andavam de mãos dadas. Em seguida Alice disse em voz baixa: — Eu faria qualquer coisa por você.

Era uma frase que até então ninguém dissera a Eduardo; essa frase era um dom do céu. Certamente Eduardo não ignorava que era um presente imerecido, mas pensava que, já que a sorte lhe recusava os presentes que merecia, tinha o direito de aceitar aqueles que não merecia. Disse: — Ninguém pode fazer nada por mim.

— Como assim? — murmurou Alice.

— Vão me expulsar da escola, e esses que falam de mim como de um herói não vão mexer nem um dedo por mim. Existe apenas uma coisa de que estou certo: no final vou ficar completamente só.

— Não — disse Alice balançando a cabeça.
— Vou, sim — disse Eduardo.
— Não — repetiu Alice quase gritando.
— Todo mundo me abandonou.
— Eu não vou abandoná-lo nunca — disse Alice.
— Você acabará me abandonando, você também — disse Eduardo com tristeza.

— Nunca na vida — disse Alice.
— Não, Alice — disse Eduardo. — Você não me ama, você nunca me amou.

— Não é verdade — murmurou Alice, e Eduardo viu com satisfação que ela tinha os olhos úmidos.

— Não, Alice. Essas coisas a gente sente. Você sempre foi fria demais comigo. Uma mulher que ama não se comporta assim. Eu sei. E agora você está sentindo compaixão por mim, porque sabe que querem me destruir. Mas você não me ama, e não quero que ponha falsas idéias na cabeça.

Os dois se calaram e continuaram andando de mãos dadas. Alice chorava em silêncio, mas de repente parou e disse entre soluços: — Não, não é verdade. Você não tem o direito de dizer isso. Não é verdade.

— É, sim — disse Eduardo; e como Alice não parava de chorar, propôs que fossem ao campo no sábado seguinte. Num lindo vale, à beira do rio, seu irmão tinha um chalé onde poderiam ficar sozinhos.

Alice tinha o rosto banhado em lágrimas, e concordou em silêncio.

8

Isso se passou na terça-feira. Na quinta-feira seguinte, Eduardo foi novamente à casa da diretora, dirigindo-se para lá com uma segurança jovial, pois estava absolutamente con-

vencido de que o encanto de sua pessoa faria esquecer definitivamente o problema da igreja, dispersando-o como uma nuvem de fumaça; mas é sempre o que acontece na vida: imaginamos representar um papel numa determinada peça e não percebemos que os cenários foram discretamente mudados, de modo que, sem saber, devemos atuar num outro espetáculo.

Estava sentado na mesma poltrona, em frente à diretora; entre eles, uma mesa baixa em que havia uma garrafa de conhaque com dois copos, um de cada lado. Essa garrafa de conhaque era justamente o novo acessório pelo qual um homem perspicaz e equilibrado teria compreendido imediatamente que o problema da igreja não estava mais em questão.

Mas o inocente Eduardo estava tão cheio de si que a princípio não se deu conta de nada. Participou com bom humor da conversa preliminar (sobre um tema vago e geral), esvaziou o copo que lhe foi oferecido e entediou-se da maneira mais honesta do mundo. No fim de meia hora ou de uma hora, a diretora desviou discretamente a conversa para assuntos mais pessoais; pôs-se a falar longamente de si mesma, e essas palavras tinham o intuito de colocar diante de Eduardo o personagem cujos traços ela queria ter: o personagem de uma mulher sensata, de idade madura, não muito feliz, mas digna e resignada com sua sorte, uma mulher que não lamentava nada e que até se felicitava por não ter se casado, pois do contrário não poderia saborear plenamente o gosto maduro de sua independência e as satisfações de sua vida particular no lindo apartamentinho onde se sentia feliz e onde esperava que Eduardo não se sentisse mal.

— Não — disse Eduardo. — Eu me sinto muito bem aqui. — E disse isso com a voz estrangulada, pois de repente se sentia pouco à vontade. A garrafa de conhaque (à qual aludira vagamente por ocasião de sua primeira visita e que aparecera sobre a mesa com uma rapidez ameaçadora), as quatro paredes do apartamento (que delimitavam um espaço cada vez mais apertado e cada vez mais fechado), o monólogo da dire-

tora (que se concentrava em temas cada vez mais pessoais) e também seu olhar (perigosamente fixo nele), tudo isso o fez perceber pouco a pouco a *mudança de programa*; percebeu que se colocara numa situação cuja evolução era inevitável; e compreendeu claramente que o que colocava em perigo sua carreira não era a antipatia da diretora por ele, mas, ao contrário, a repugnância física que sentia por essa mulher magra, com penugem sob o nariz, que o encorajava a beber. Sentia a garganta apertada.

Obedeceu à diretora e esvaziou o copo, mas, agora, a angústia era tão forte que o álcool não fez nenhum efeito. Em compensação, a diretora, que já esvaziara vários copos, tinha abandonado definitivamente sua reserva habitual, e suas palavras estavam carregadas de uma exaltação quase ameaçadora: — Há uma coisa que invejo em você — disse ela. — É sua juventude. Você ainda não pode saber o que é a decepção, a desilusão. Ainda vê o mundo com as cores da esperança e da beleza.

Inclinou o rosto na direção do rosto de Eduardo, por cima da mesa baixa e, num silêncio melancólico (com um sorriso crispado), fixou nele uns olhos terrivelmente grandes. Enquanto isso, ele pensava que, se não conseguisse se embebedar um pouco, a noite terminaria para ele em terrível fiasco. Derramou conhaque no copo e bebeu depressa, de um só gole.

E a diretora continuava: — Mas quero vê-lo com as mesmas cores, com as mesmas cores que você! — Em seguida levantou-se da poltrona, encheu o peito e disse: — Não é verdade que sou uma mulher antipática! Não é? — E deu a volta na mesa, segurando Eduardo pela manga: — Não é?

— Não — respondeu Eduardo.

— Venha, vamos dançar — disse ela. — Largou a mão de Eduardo e dirigiu-se para o botão do rádio, que girou até encontrar uma música de dança. Depois apresentou-se sorridente diante de Eduardo.

Ele levantou-se, segurou a diretora e a conduziu pela sala ao ritmo da música. A diretora encostava ternamente a cabeça em seu ombro ou a levantava de repente para olhar Eduardo nos olhos, ou então cantarolava a melodia em voz baixa.

Eduardo estava tão pouco à vontade que largou diversas vezes a diretora para beber. Seu mais vivo desejo era pôr fim ao horror daquele interminável prelúdio, e ao mesmo tempo temia esse fim, pois o horror que se seguiria ainda lhe parecia pior. Continuou então a guiar através da sala a mulher que cantarolava, aguardando (com impaciência angustiada) o desejado efeito do álcool. Quando afinal teve a impressão de que seus sentidos estavam suficientemente embaralhados pelos vapores do conhaque, apertou a diretora contra o próprio corpo com uma das mãos, e colocou a outra em seu seio.

Sim, acabara de fazer o gesto do qual só a idéia o apavorava desde o começo da noite. Não sei o que teria dado para não ter de fazê-lo, e se o fez assim mesmo, acreditem, é porque foi realmente *obrigado* a fazê-lo. A situação em que se metera desde o começo da noite não oferecia nenhuma escapatória; podia-se sem dúvida retardar o seu curso, mas era impossível detê-la, de maneira que, colocando a mão no seio da diretora, Eduardo não fazia outra coisa senão obedecer às injunções de uma inelutável necessidade.

Mas as conseqüências de seu gesto ultrapassaram todas as previsões. Como num passe de mágica, a diretora começou a se torcer entre seus braços, depois pressionou contra a boca do rapaz seu peludo lábio superior. Em seguida empurrou-o para o divã e, com gestos convulsos e suspiros profundos, mordeu-lhe o lábio e a ponta da língua, machucando muito Eduardo. Depois desvencilhouno de seus braços, disse: — Espere! — e correu para o banheiro.

Eduardo lambeu o dedo e constatou que sua língua sangrava ligeiramente. A dentada fora tão dolorosa que a embriaguez conseguida com dificuldade desapareceu, e ele sentiu de novo a garganta apertar ao pensar no que o esperava.

Um grande barulho de água vinha do banheiro. Agarrou a garrafa de conhaque, levou-a aos lábios e bebeu um longo trago.

Mas a diretora já havia aparecido no umbral da porta, vestida com uma camisola transparente (ornada de rendas no peito), e avançava lentamente para Eduardo. Prendeu-o nos braços. Em seguida afastou-se e: — Por que você está vestido? — perguntou em tom de censura.

Eduardo tirou o paletó, sempre olhando a diretora (que fixava nele os grandes olhos), e só conseguia pensar numa coisa: que seu corpo ia muito provavelmente sabotar o esforço de sua vontade. Eis por que, unicamente preocupado em fugir o desejo, disse com a voz trêmula: — Tire a roupa toda.

Com um movimento brusco, com fervor dócil, ela tirou a camisola, mostrando uma frágil silhueta branca onde os espessos pêlos negros se destacavam num triste abandono. Ela se aproximou lentamente de Eduardo e ele percebeu com pavor o que já sabia de antemão: seu corpo estava literalmente paralisado pela angústia.

Eu sei, senhores, que com os anos os senhores se habituaram às desobediências provisórias de seus corpos e que isso não os inquieta absolutamente. Mas compreendam! Eduardo era jovem naquela época! A sabotagem de seu corpo o precipitava cada vez mais num pânico terrível e ele considerava aquilo como um estigma irremediável, quer tivesse como testemunha um rosto bonito ou uma cara tão feia e cômica como a da diretora. E a diretora estava apenas a um passo de distância, e ele, apavorado, não sabendo o que fazer, disse de repente, sem nem saber como (era mais o resultado de um impulso do que de uma manobra calculada):

— Não, não! Meu Deus, não! É um pecado, seria um pecado! — E afastou-se com um salto.

Mas a diretora se aproximou dele murmurando: — Que pecado? Não existe pecado!

Eduardo se refugiou atrás da mesa à qual haviam sentado alguns minutos antes e: — Não, não tenho o direito, não tenho o direito — disse.

A diretora afastou a poltrona que lhe barrava a passagem e continuou a se aproximar de Eduardo, sem tirar dele os grandes olhos negros: — Não existe pecado! Não existe pecado!

Eduardo contornou a mesa; não havia nada atrás dele, a não ser o divã. A diretora estava muito perto; não podia mais escapar, e foi sem dúvida o desespero supremo que, naquele segundo sem saída, fez com que ele lhe ordenasse:

— De joelhos!

Ela o olhou sem compreender, e quando, com voz desesperada, mas firme, ele repetiu: “De joelhos!”, ela se ajoelhou diante dele com fervor e lhe abraçou as pernas.

— Largue-me — gritou ele. — Junte as mãos!

De novo ela o olhou sem compreender.

— Junte as mãos! Ouviu o que eu disse?

Ela juntou as mãos.

— Reze! — ordenou ele.

Ela estava de mãos postas e levantava para ele olhos fervorosos.

— Reze! Para que Deus nos perdoe! — gritou ele.

Ela estava de mãos postas e o olhava com seus grandes olhos, de modo que Eduardo, além de ganhar um tempo precioso, começou a perder, na posição em que estava, examinando-a do alto, a dolorosa sensação de ser apenas uma presa, e recuperou a segurança. Afastou-se para vê-la inteira, e repetiu a ordem: — Reze!

E como a diretora continuasse calada, gritou: — Em voz alta!

E de fato a mulher ajoelhada, magra e nua, pôs-se a recitar: — “Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino...”

Ao pronunciar as palavras da oração, ela levantava os olhos para Eduardo como se ele fosse o próprio Deus. Ele a observava com um prazer crescente: tinha diante de si, de joelhos, a diretora humilhada por um subordinado; tinha

diante de si a revolucionária humilhada pela oração, tinha diante de si uma mulher rezando, humilhada pela nudez.

Essa tríplice imagem da humilhação o embriagava e ocorreu uma coisa inesperada: seu corpo pôs fim à sua resistência passiva; Eduardo estava emocionado!

No momento em que a diretora disse: "Mas não nos deixeis cair em tentação", ele se livrou depressa de toda a roupa. Quando ela disse "Amém", levantou-a com violência e arrastou-a para o divã.

9

Isso foi na quinta-feira. No sábado, Eduardo levou Alice para o campo, para a casa de seu irmão. Este os acolheu amavelmente e emprestou-lhes a chave do chalé.

Os dois namorados passaram a tarde inteira passeando nos bosques e nos prados. Beijavam-se e Eduardo podia constatar, com as mãos satisfeitas, que a linha imaginária, traçada na altura do umbigo para separar a zona da inocência da zona do pecado, tinha perdido todo o valor. Seu primeiro movimento foi confirmar com palavras esse acontecimento tão longamente esperado, mas hesitou e compreendeu que era melhor se calar.

Era sem dúvida prudente de sua parte: a brusca mudança de Alice não tinha, realmente, nada a ver com o esforço que Eduardo fazia há semanas para convencê-la, nada tinha a ver com a argumentação racional de Eduardo. Ao contrário, estava fundada exclusivamente sobre a notícia do martírio de Eduardo, portanto sobre um *erro*, e entre esse erro e a conclusão que Alice tirara não havia nenhuma relação lógica, pois, reflitamos um minuto: por que o fato de Eduardo ter permanecido fiel à fé até o martírio deveria incitar Alice a transgredir a lei divina? Deveria ela trair Deus diante de

Eduardo porque Eduardo tinha se recusado a traí-Lo diante da comissão de inquérito?

Nessas condições, a menor reflexão poderia revelar a Alice o caráter ilógico de sua atitude. Portanto, Eduardo fazia bem em se calar, e seu mutismo nem foi notado, pois a própria Alice falava bastante, estava alegre e nada indicava que a reviravolta que se tinha operado em sua alma tivesse sido dramática ou dolorosa.

Quando veio a noite, eles voltaram para o chalé, acenderam a luz, desfizeram a cama, beijaram-se e Alice pediu a Eduardo que apagasse a luz. Mas, como pela janela entrasse a penumbra da noite, Eduardo, a pedido de Alice, teve também de fechar as venezianas. Foi numa obscuridade completa que Alice se despiu e se entregou a ele.

Ele esperara por esse instante durante tantas semanas e, coisa estranha, agora que ele finalmente se realizava, sua importância não correspondia absolutamente ao tempo de espera. O ato do amor aparentava, ao contrário, ser tão fácil e tão natural que Eduardo quase não conseguia se concentrar nele, e em vão tentava afastar os pensamentos que lhe passavam pela cabeça: relembrava as longas e inúteis semanas em que Alice o atormentara com sua frieza; relembrava todos os aborrecimentos que ela lhe causara na escola, e, em vez de ficar reconhecido por ela se entregar a ele, sentiu uma espécie de rancor e de raiva. Indignava-se por ela ter traído, tão facilmente e sem remorsos, seu Deus Antifornicador ao qual dedicava antes um culto fanático; indignava-se ao ver que nada podia fazer com que ela perdesse seu belo equilíbrio, indignava-se por ela viver tudo isso sem sofrimento interior, segura de si, sem problemas. E, quando ficou sob o domínio dessa indignação, esforçou-se por amá-la com violência e com raiva, por arrancar dela um grito, um gemido, uma palavra, uma queixa, mas não conseguiu. A moça ficou muda, e apesar de todos os esforços de Eduardo, o corpo-a-corpo dos dois terminou sem grandes emoções e em silêncio.

Ela se aconchegou então contra seu peito e adormeceu rapidamente, mas Eduardo ficou muito tempo acordado e viu que não sentia nenhuma alegria. Tentava imaginar Alice (não sua aparência física, mas se possível seu ser em toda a plenitude) e disse a si mesmo que na realidade ela não era para ele senão uma visão *difusa*.

Vamos nos deter um instante nessa palavra: Alice, tal qual se mostrara a ele até o presente, era a seus olhos, apesar da ingenuidade, um ser sólido, de contornos bem delineados. A bela simplicidade de seu físico parecia corresponder à simplicidade elementar de sua fé, e a simplicidade de seu destino parecia ser a razão de sua atitude. Até então Eduardo a considerara um ser monolítico e coerente: apesar de caçoar dela, amaldiçoá-la, cercá-la com suas espertezas, não podia fazer outra coisa (contra sua própria vontade) senão respeitá-la.

Mas eis que a armadilha da falsa notícia (armadilha que ele não havia premeditado) quebrava a coerência desse personagem, e Eduardo dizia a si mesmo que as idéias de Alice eram na realidade apenas uma coisa que *revestia* seu destino, e que seu destino era apenas uma coisa que revestia seu corpo, e não via mais nela senão um conjunto fortuito formado por um corpo, idéias e uma biografia, conjunto inorgânico, arbitrário e transitório. Pensava em Alice (que respirava profundamente na curva de seu ombro) e via de um lado seu corpo e de outro suas idéias; o corpo lhe agradava, as idéias lhe pareciam ridículas, e corpo e idéias não formavam nenhuma unidade; ele a via como uma linha absorvida numa folha de mata-borrão: sem contornos, sem forma.

Sim, o corpo lhe agradava realmente. Quando Alice se levantou de manhã, ele a obrigou a continuar nua, e ela que, ainda na véspera, tinha insistido para que as venezianas fossem fechadas, pois a luz pálida das estrelas a incomodava, agora esquecia seu pudor. Eduardo a examinava (ela saltitava alegremente à procura de um pacote de chá e de biscoitos para o café da manhã), mas ela percebeu no fim de um instante que ele tinha um ar preocupado. Perguntou-lhe o que

havia, e ele respondeu que tinha de ir ver seu irmão depois do café.

Quando o irmão lhe perguntou como iam as coisas na escola, Eduardo respondeu que não iam mal, e o irmão lhe disse: — Essa Cechackova é uma suja, mas já a perdoei há muito tempo. Perdoei-a porque ela não sabia o que estava fazendo. Ela queria me prejudicar, mas graças a ela sou feliz. Ganho melhor a vida como agricultor, e o contato com a natureza me salva do ceticismo ao qual sucumbem as pessoas nas cidades.

— A mim também essa boa mulher deu sorte — disse Eduardo com ar pensativo, e contou ao irmão que se apaixonara por Alice, que fingira acreditar em Deus, que fora obrigado a comparecer diante de uma comissão, que a Srta. Cechackova quisera reeducá-lo e que Alice finalmente se entregara a ele, tomando-o por um mártir. Mas não contou até o fim como obrigara a diretora a recitar o *Pater Noster*, pois julgou perceber uma censura no olhar do irmão. Calou-se, e o irmão lhe disse:

— Tenho defeitos, sem dúvida, mas estou certo de uma coisa: nunca menti e sempre disse aos outros aquilo que pensava na cara deles.

Eduardo gostava muito do irmão, e sua desaprovação o magoava. Quis se justificar, e os dois começaram a discutir. Por fim, Eduardo lhe disse:

— Sei que você sempre foi um tipo correto e que se orgulha disso. Mas faça a si mesmo uma pergunta: *por que* dizer a verdade? O que nos obriga a isso? E por que devemos considerar a sinceridade uma virtude? Suponhamos que você encontre um louco que afirme que é um peixe e que todos nós somos peixes. Você vai brigar com ele? Vai tirar a roupa diante dele para mostrar que não tem nadadeiras? Vai lhe dizer na cara o que pensa? Vamos, responda!

O irmão calou-se, e Eduardo continuou: — Se você lhe dissesse apenas a verdade, o que realmente pensa dele, isso significa que estaria concordando em ter uma discussão séria

com um louco e que você mesmo é louco. Pois bem, é exatamente a mesma coisa com o mundo que nos cerca. Se você teima em lhe dizer a verdade de frente, isso significa que você o leva a sério. E levar a sério algo tão pouco sério é perder, você mesmo, toda a seriedade. No meu caso, veja só, eu *tenho* que mentir para não levar os loucos a sério e para eu mesmo não ficar louco.

10

O domingo terminou e os dois namorados tomaram o caminho de volta: estavam sós no compartimento do vagão (a jovem novamente falava sem parar) e Eduardo se lembrava de como se alegrara, ainda recentemente, com a idéia de que poderia encontrar no personagem facultativo de Alice uma seriedade que suas obrigações não poderiam jamais lhe oferecer, e compreendeu com tristeza (as rodas do trem batiam suavemente nas juntas dos trilhos) que a aventura amorosa que acabara de viver com Alice era derrisória, feita de acasos e de erros, desprovida de seriedade e de sentido; escutava as palavras de Alice, observava seus gestos (ela apertava-lhe a mão) e dizia a si mesmo que eram sinais sem significado, cheques sem fundo, pesos feitos de papel e que ele não lhes poderia atribuir valor maior do que o valor que Deus poderia atribuir à prece da diretora nua; e viu de repente que todas as pessoas com quem convivia nessa cidade eram, na realidade, apenas linhas absorvidas numa folha de mata-borrão, seres com atitudes intercambiáveis, criaturas sem substância sólida; mas o que era pior, bem pior (disse subitamente a si mesmo), é que ele próprio não era senão uma sombra de todos esses personagens fantasmagóricos, pois esgotava todos os recursos de sua inteligência com o único objetivo de se adaptar a eles e de imitá-los, e por mais que os imitasse com um riso

secreto, sem levá-los a sério, por mais que se esforçasse desse modo para ridicularizá-los secretamente (justificando assim seu esforço de adaptação), isso não mudava nada, pois uma imitação, mesmo maldosa, é sempre uma imitação; mesmo uma sombra que debocha continua sendo uma sombra, uma coisa secundária, derivada, miserável.

Era humilhante, terrivelmente humilhante. As rodas batiam idilicamente nas juntas dos trilhos (a moça tagarelava) e Eduardo perguntou:

— Alice, você está feliz?

— Estou — respondeu Alice.

— Pois eu estou desesperado — disse Eduardo.

— Ficou maluco? — perguntou Alice.

— Não devíamos ter feito isso. Não devíamos.

— O que está acontecendo? Foi você quem quis!

— Foi — disse Eduardo. — Mas foi meu maior erro, e Deus não vai me perdoar. Foi um pecado, Alice.

— Mas o que é que está acontecendo com você? — disse calmamente a moça. — Você não fazia outra coisa senão repetir que Deus quer o amor, acima de tudo o amor!

Quando Eduardo percebeu com que tranqüilidade Alice se apropriara de seu sofisma teológico, que ainda recentemente lhe fora de tão pouca valia no seu difícil combate, ficou furioso: — Disse isso para pôr você à prova. Agora estou vendo como você é fiel a Deus! Mas quem é capaz de trair a Deus, acha mil vezes mais fácil trair um homem!

Alice encontrava sempre novas respostas para dar, mas teria sido melhor que não as tivesse encontrado, pois essas respostas só faziam atizar a cólera vingadora de Eduardo. Ele falou muito tempo, falou tanto e tão bem (usou as palavras *sujeira* e *repulsa física*) que acabou por arrancar daquele rosto pacífico e terno (enfim!) um soluço, lágrimas e um gemido.

— Adeus — disse ele na estação, e deixou-a em prantos. Só depois de várias horas, quando estava em casa e quando a estranha cólera enfim se acalmou, foi que compreendeu to-

das as conseqüências do que acabara de fazer: lembrou-se daquele corpo que ainda pela manhã saltitava inteiramente nu à sua frente, e quando percebeu que ele mesmo havia es-
coraçado aquele belo corpo, chamou-se de imbecil e teve vontade de se esbofetear.

Mas o que estava feito, estava feito, e não se podia mudar mais nada.

Devemos aliás acrescentar, para sermos fiéis à verdade, que, se a idéia do belo corpo que lhe escapava causava certa tristeza a Eduardo, foi uma perda da qual logo se refez. Pouco depois de sua chegada à pequena cidade, sofrera a falta de amor físico, mas foi uma carência inteiramente provisória. Eduardo não iria mais sofrer com essa carência. Uma vez por semana ia ver a diretora (o hábito livrara seu corpo das angústias do começo) e decidira que iria à casa delas com regularidade enquanto as coisas não estivessem de todo esclarecidas na escola. Além disso, tentava, com sucesso crescente, seduzir diversas mulheres e moças. O que fez com que apreciasse ainda mais os momentos em que ficava só, e passou a gostar dos passeios solitários, em que algumas vezes aproveitava (por favor, mais uma vez prestem atenção a este detalhe) para ir à igreja.

Não, não temam, Eduardo não encontrou a fé. Não tenho intenção de coroar meu relato com um paradoxo tão evidente. Mas, mesmo estando quase certo de que Deus não existe, Eduardo se preocupa habitualmente, de modo nostálgico, com a idéia de Deus.

Deus é a própria essência, enquanto Eduardo (passaram-se muitos anos desde as suas aventuras com Alice e com a diretora) jamais encontrou nada de essencial nem em seus amores, nem em seu trabalho, nem em suas idéias. Ele é honesto demais para admitir que encontra o essencial no não-essencial, mas é fraco demais para não desejar secretamente o essencial.

Ah, senhoras e senhores, como é triste viver quando não se pode levar nada a sério, nada e ninguém!

É por isso que Eduardo sente necessidade de Deus, pois somente Deus está livre da obrigação de *parecer* e pode contentar-se em *ser*, pois só Ele constitui (Ele só, único e não-existente) a antítese essencial deste mundo tanto mais existente quanto menos essencial é.

Por isso, Eduardo vem de vez em quando sentar-se na igreja e levanta olhos sonhadores em direção à cúpula. É num desses momentos que nos despedimos dele: a tarde cai, a igreja está silenciosa e deserta, Eduardo está sentado num banco de madeira e sente-se triste com a idéia de que Deus não existe. Mas nesse instante sua tristeza é tão grande que ele vê emergir de repente, de suas profundezas, o rosto real e vivo de Deus. Vejam! É verdade! Eduardo sorri! Sorri e seu sorriso é feliz...

Guardem-no na lembrança, por favor, com esse sorriso.

*Escrito na Tcheco-Eslováquia
entre 1960 e 1968*